

HODA  
BARAKAT  
O  
ARADOR  
DAS  
ÁGUAS

tradução do árabe  
**Safa Jubran**

**Tabla**

Meu pai não era um mero comerciante de pano, como minha mãe adorava dizer. Não acredite nela nem dê ouvido às suas histórias divergentes, eu disse para Chamsa, que bateu a minha porta uma noite após eu ter cansado de ficar em pé perto da janela, esperando que ela aparecesse do outro lado da rua.

Por que você veio esta noite, Chamsa? Por que você vem quando eu não estou aqui, e o que você quer com a minha mãe velha caduca e as suas histórias inventadas? Não confia em mim? Não acredita nas coisas que eu conto a você?

Claro que acredito, ela disse. Mas você não me conta toda a história. Por que não me ensina a seda?

Porque a hora certa não chegou ainda.

Você disse que a seda tem muitas lições. Me ensine a primeira. Depois, eu espero pelas outras.

Contarei, contarei muito em breve.

Você está mentindo, pois ainda não me trouxe nenhuma seda. Só promete, mas não conta. Você faz essas promessas só para eu voltar, porém, quando volto, querendo ouvir o desenlace, o fim não chega e nenhuma história nova começa.

Chamsa, diante de mim, falava e ameaçava ir embora, partir para muito longe, e sua ausência me ataria, feito cão raivoso, ao vidro da janela.

Eu agachei, cruzei as pernas e me sentei no tapete tentando disfarçar uma vontade tremenda de chorar até soluçar. No entanto, sorri e pigarreei, como sempre faço antes de começar uma história, mas ela não correspondeu à sedução e permaneceu em pé. Fitei-a com olhos que ao mesmo tempo imploravam e repreendiam. Ela sorriu. Estendi minhas mãos até a depressão que fica próxima a seu tornozelo e a cerquei com as palmas. Ela não se afastou. Eu me aproximei, abracei suas pernas, descansei minha cabeça no topo da sua coxa. Comecei a acariciar a parte de trás de sua perna, até a cavidade atrás do joelho, onde estão as duas covinhas que inflamam minha fantasia quando ela está longe de mim e eu me lembro do nervo tenso que pulsa rapidamente em uma delas. Levei as mãos até seus quadris apertando-os suavemente para que ela me virasse as costas, o que ela fez. Levei meus lábios até as covinhas, com beijos rápidos e febris, na parte de trás dos joelhos e nas coxas, morrendo de medo de que ela se soltasse de mim.

Primeiro, senti seus dedos adentrando meu cabelo, em seguida, ela se agarrou neles, virou-se de frente e caiu de joelhos.

Enquanto olhava em meus olhos com as pálpebras entreabertas, pensei que se ela me beijasse na boca eu estaria com meio caminho andado, o que manteria acesa minha esperança. Se me beijasse na boca, significaria que ela tinha menos poder sobre mim do que eu imaginava e que tanto me fazia sofrer toda vez que ela se ausentava.

Eu não aproximei meu rosto do dela. Disse a mim mesmo que não deixaria lugar para a ambiguidade, porque, mais tarde, isso poderia reacender minha dúvida. Não vou encurtar a distância. Não vou buscar seus lábios. Devo me apegar firmemente ao fio de certeza que me liga agora aos olhos dela já meio cerrados e seus lábios afastados, onde uma saliva vermelha brilha. Devo ficar firme no fio de minha força. Se ele romper agora, desabará em seguida a tensão do nervo de meu desejo, deixando meu corpo jogado feito trapo na agonia, na impotência absoluta... e no arrependimento.

Eu não aproximei meu rosto do dela. Com a boca seca e a respiração acelerada, resisti à queda de meu corpo em um estado de dormência. Se eu não continuar alerta, meu desejo vai me devorar, sua ferocidade vai me consumir e o remorso também.

Se ela não aproximar os lábios e me beijar na boca, vou segurar minha última carta. Não farei amor com ela. Se ela não aproximar os lábios e me beijar na boca, e ain-

da assim dormirmos juntos, sem dúvida vai embora para nunca mais voltar. Se eu for capaz e tiver forças para dormir com ela, apesar de minha certeza, apesar de me ver diante dessa perda final, que eu não serei forte o suficiente para suportar, ela não vai voltar.

Sua boca. Sua boca. Sua boca... Não movo a cabeça. Aciono meu cérebro para calcular a distância para que eu não mova a cabeça para a frente em um gesto inconsciente, para que não se mova por vontade própria, para que as vértebras de meu pescoço não me traiam.

Não fecho meus olhos para que ela não tome isso como um convite para trazer sua boca mais perto. Jogo minha última cartada, de olhos abertos, o olhar fixo em seus olhos, não em sua boca. Mantenho minha cabeça firme em sua convulsão oculta, quando me parece que a distância está ficando mais curta e que ela está chegando mais perto com sua boca vermelha que eu não posso ver. Um leve ardor cobre meus olhos abertos, mas eu não pisco. Uma escuridão varre minha visão e, assim, sei que sua boca já está na minha.

Fecho meus olhos. Fecho meus olhos cheios de lágrimas que ela não verá, não agora. Lanço todo o meu sangue até a boca, a ponto de sentir seu sabor quente. Não temo a retirada abrupta do sangue de meu membro, esvaziando-o completamente, porque sei como a circulação deve ocorrer agora que o começo se deu exatamente como eu queria e como deveria ter acontecido. Não temo que a força seja drenada de meu corpo porque a onda flamejante vai voltar com tudo, a ponto de dividir as células da pele ao colidir contra

sua barricada e expelir seu vapor, que agora brilha em forma de suor em seu rosto, umedecendo meu rosto com seu sal.

O gosto de seus lábios polpudos lembra o sabor da carne e eu não posso comê-los. Recuo de seus lábios, que eu lambo para amortecer meu desejo verdadeiro de devorá-los. Não me aproximo do pescoço, mas mordisco seu ombro e empurro seu corpo para longe de mim para melhor vê-lo. Para ver se consigo me separar dela, para ter certeza de que não estou me afogando em sua carne. Ela arranca o que ainda tinha de roupa no corpo e se deita de costas. Com um rápido movimento apaga a luz do abajur, percebo então que já estávamos na outra extremidade da sala de estar e que a noite cobriu todo e qualquer canto da casa.

Chamsa volta do banheiro, com seu longo cabelo ruivo pingando. Vejo que ela está enrolada em uma toalha grande, por isso eu pergunto se vai ficar esta noite. Depende da história, ela diz. Se eu for seduzida pelo que ouço, se for atraída pelo conhecimento, fico.

Hoje à noite, vou contar a você a história que nos levará à seda. E, para entrarmos neste último capítulo, devemos nos munir de um aprendizado especial, um amplo conhecimento que reforce em nós a capacidade de recepção, elevando-nos ao nível da história, para que assim não caiamos vítimas do seu encanto, pois o conhecimento é perigoso para os desinformados e despreparados para recebê-lo. Não se trata simplesmente da não apreensão do conhecimento ou da perda desse prazer. A questão, como você me ensinou sobre a mandrágora, é que um elixir pode se tornar um veneno mortal.

Foi meu pai quem me ensinou tudo isso e me ofereceu um longo treinamento como discípulo. Ele não era um mero comerciante de pano. Era um homem de conhecimento, que tinha compreendido o segredo e por isso esperou eu me tornar adulto e capaz de enxergar a mulher que estava na minha mãe e o homem que estava nele. Assim, éramos três, não menos, e se contasse desde meu avô, que imigrou, seríamos três gerações, não menos.

Meu pai disse que a sua intenção era reservar um tempo maior para que o meu conhecimento fermentasse, para que eu pudesse avançar com ele, lado a lado, de modo que a história se revelaria a nós dois juntos, em vez de ele simplesmente me instruir. Mas a era da decadência, a era do Diolen, como ele dizia, nos sitiou trazendo consigo a doença que afligiu o meu pai e a premonição que ele tinha da própria morte. Então, aqui estou eu, ainda muito jovem, me arriscando ao contar tudo a você. Você me cerca com a sua insistência, sua pressa. Usa armas proibidas, quando ameaça ficar longe. Agora escute bem, porque estamos juntos, você e eu, navegando na mesma aventura.

Vamos começar pelo começo, como o meu pai diria, pelo ponto de onde partimos, migrando para nos espalharmos pelo mundo todo, desde as margens da África Ocidental, onde os sábios das tribos dogom diziam que o Senhor, a Palavra da Criação, nos primeiros momentos do processo criativo, soprou e fez existir as plantas fibrosas e os animais que têm pele e penugem, as quais cobriram os nossos corpos nos primórdios. Mas a Palavra do Senhor,

composta de letras conectadas que precisavam da boca inteira para ser pronunciada, remonta ao quarto *jinn*, Ogo, que se rebelou contra o Senhor com a ajuda da aranha que o atraiu e o tentou na árvore. Aquela aranha astuta era má e a árvore era abençoada e devota, por isso ela floresceu e espalhou os seus ramos em direção aos quatro cantos do universo. Depois, voltou e envolveu a aranha limitando a sua arrogância e o dano por ela causado. A árvore então sufocou a aranha de modo que ela não pudesse mais praticar a desobediência ao tecer a sua teia sobre toda a superfície da terra. A humanidade recuperou a Palavra do Senhor somente após um longo período de descrença que durou até o nascimento do sétimo *jinn*, ancestral do novo humano, a quem o Senhor criou na forma de um tear. Assim, ele levaria a Palavra do Senhor para a humanidade, incorporada em oitenta fios de algodão: quarenta superiores para a urdidura, todos eles duplos, e quarenta inferiores, para a trama, todos únicos, dispostos como dentes numa boca. A urdidura e a trama se moviam para cima e para baixo com o mesmo ritmo das mandíbulas, enquanto a bobina do fio formava a garganta, e a lançadeira era a língua.

No idioma dos dogons, a palavra *sawah* significava “tecido”, “discurso” e também um “ato incorporado”... Uma mulher nua, por exemplo, era dita mulher “muda”. Já em árabe, observe a consonância das letras em *haki*, “fala”, e *hiyaka*, “tecelagem”!

O tecelão é aquele que “faz” o discurso, para as pessoas “vestirem” as palavras. Após o tecelão escutar o seu avô,



o terceiro *noma*, que sopra da faringe as palavras sagradas e puxa e amarra os fios da vida, ele transmite isso para outros homens por meio da tecelagem e dos seus códigos secretos, mas, como o sacerdote, ele não passa nem lega o segredo de tecer a não ser àqueles que adquiriram o conhecimento necessário, àqueles merecedores por aptidão, sabedoria e munidos da bênção dos antepassados.

Cultivar e arar o solo nos sulcos da terra nada mais é do que tecer a vida, um vaivém, como os movimentos de um tear. O dia e a noite que se repetem sobre nós. A ligação entre o céu e a terra, entre a vida e a morte. Até mesmo o audaz viajante e aventureiro Marco Polo chegou a empregar o ato de lavrar para descrever as técnicas de tecelagem da seda persa.

E como entre nós, os cristãos, Chamsa, os dogons nascem pecaminosos, mas são purificados do pecado original, da transgressão dessa primeira proibição, por meio da tecelagem. Eles devem tecer pelos ditames da tradição sagrada e precisam passar por cada etapa do conhecimento sagrado... Eles enterram a lançadeira e a bobina com o morto, depois de envolver o corpo em uma mortalha quadriculada em preto e branco, tecida com um único fio sem cortes e sem nós, pois cortá-lo significa a perdição, precisamente como significaria para Ariadne, filha de Minos e irmã de Fedra, cuja linha salvou Teseu da morte no labirinto. Cortar o fio, tingido alternadamente em preto e branco ao longo do comprimento, é quebrar a relação do dia com a noite, é cair no vazio, na inexistência e no esquecimento.

Esquecemos, Chamsa, porque na nossa ignorância negamos a verdade. Nós nos esquecemos de que o tecelão, onde quer que ele esteja nesta terra, é o guardião do segredo da vida e da paz, sempre ameaçado pela vitória da morte e da guerra. Afinal, a nudez, isto é, despir-se, não é algo ligado ao pecado original, ao castigo e a um incessante esforço de expiação? Repare bem na figura da deusa Atena: numa das mãos ela segura um fuso; na outra, uma lança. Numa das mãos, a sabedoria de tecer; na outra, as aflições e a destruição das guerras... Pense no sábio Gandhi, que começou a tecer diante dos ingleses, porque, segundo o mito indiano, a deusa Hingalaj exigiu que os guerreiros se tornassem tecelões para que ela lhes concedesse uma existência livre e a bênção diária de um amanhecer que emerge da escuridão da noite.

Embora o tecelão, a quem se confia o segredo, possa ser um homem, a deusa que ensina e inspira é sempre uma mulher, dona Chamsa. Uma mulher que extrai luz da escuridão e brancura da negrura. Essas deusas: Atena, Perséfone e a babilônica Ichtar, foram chamadas “As da lua”, porque do luar elas fiam a luz do dia seguinte. Quando elas terminarem de fiar, o mundo chegará ao fim e mergulhará para sempre nas trevas. A deusa da tecelagem suméria, Tagtog, nos ensinou que cada passagem da lançadeira no tear são as palavras dos nossos ancestrais, que enriquecem a memória que herdamos e depois ajudamos a aumentar. E quando as palavras dos avôs começam a ser esquecidas, os nós e fios na tecelagem começam a se desfazer e o mundo

termina em fragmentos disformes, uma nuvem de poeira pairando na nebulosa.

Assim como você está me ouvindo, bela Chamsa, ouvimos as palavras que são enviadas para nós desde o céu distante, onde quer que estejamos. Na China, a tecelã do mundo e mensageira das palavras dos céus é a milésima estrela na constelação de Lira. O tear é a sua arte. Ela gira ao longo do ano, tecendo às margens da Via Láctea. Dentro de uma outra constelação está o arado, símbolo da tecelagem da terra, no seu vaivém sobre o solo, sempre puxado pela carruagem da Ursa Maior... O equinócio da primavera é o encontro da tecelã com o arado, o equilíbrio dos dois princípios do mundo, o *yin* e o *yang*.

Você vê agora como todas as histórias se assemelham, como elas se encontram, independentemente das suas origens? Os fenícios também contaram que o Senhor teceu a terra e o céu com os filamentos da Sua ilimitada sabedoria em torno de uma árvore cósmica cujo alcance dos ramos nós desconhecemos. É a Árvore da Vida, que o Oriente glorificou do Bizâncio à Pérsia Sassânida e até à Índia, chegando depois ao Ocidente. Quando morremos, caímos dela como frutos maduros para retornar ao ciclo da existência por meio dos seus campos celestes e da infinidade dos seus ramos. Quanto às filhas de Zeus, o deus supremo dos deuses, elas são três: a mais velha é a fiandeira que puxa o fio dos nossos dias da luz do céu; a segunda é a tecelã que cria os detalhes da nossa vida e tece o nosso destino humano; e a terceira é quem corta o fio, interrompendo o nosso úl-

timo suspiro. Os povos do Mediterrâneo acreditavam que as nuvens eram panos que se desmanchavam nos seus primeiros fios quando chovia, transformando-se sobre a terra em água abençoada...

Você está com sono, Chamsa?

Estou um pouco sonolenta, sim, mas não tenho vontade de dormir. Esse é o meu jeito de me abrir para o prazer das palavras, de acompanhar a história. Primeiro eu relaxo as partes do meu corpo, para que eu possa esquecer as palavras e treinar o ouvido, a imaginação e o entendimento, seguindo o longo e adorável fio da narrativa, que na sua boca revive o rosto do seu pai e convoca a sabedoria do meu avô naqchbandi, amante dos firmamentos, companheiro dos pastores, tecelão do linho e das tendas de pelo de cabra... aquele caminhante no fio da misericórdia do seu Senhor em direção aos raios do êxtase da perfeição, satisfeito com o que o Senhor dos mundos lhe tece da verdadeira palavra.

Devo continuar então? Você vai ficar aqui esta noite?

Até o amanhecer, até aparecer o primeiro fio no carretel da luz ou até a escuridão do fio se tornar branca.

Ótimo, Chamsa.

Meu pai, que não era um mero comerciante de pano, dizia que fiar, tecer e coser não são simplesmente metáforas que nos ajudam a entender o reflexo da criação, seu passado ou a sua gênese. Eles não são apenas úteis, como disse Platão, para entendermos que o mundo gira numa espécie de fuso de diamantes, em cujo firmamento se movem

planetas e estrelas, cada um de acordo com a sua órbita e o ritmo da sua rotação. Não, são mais que isso, pois o político é o artesão do tecido social. E, assim como Platão, Virgílio disse o mesmo quando chamou o deus da cidade na ilha de Delos de “Tecelão”.

As técnicas envolvidas na fabricação dos tecidos são, em essência, como o planejamento e a construção de uma cidade. Elas surgiram quando os seres humanos começaram a trançar galhos de árvores para delimitar o espaço entre o seu domínio e as terras circundantes; depois, quando teceram esses ramos para fabricar o teto das casas e os cestos para guardar os frutos da terra, assim como o pano guarda os frutos do corpo antes de envolvê-lo em sua totalidade; mais tarde, o fazedor de armadilhas ergueu estruturas trançadas para guardar os animais que ele domava e domesticava, trazendo-os para o seu domínio. Assim nasceu e se multiplicou o domicílio, como na história de Elissa de Tiro, tecendo as finas tiras de couro para expandir os limites de Cartago. Desse modo, o domicílio foi crescendo por acúmulo, suas margens externas expandiram-se como o fio que espirala em torno do coração do fuso, círculo sobre círculo; e, ao redor da coluna, da memória do avô, expandiram-se os anéis feitos pelas casas de filhos e netos, sempre mantidos pelo campo magnético do parentesco e da herança. As cores assumiam significados emblemáticos de acordo com as ramificações e os nascimentos. Afinal, não eram as cores das tendas nas colinas da região dos Aurés, na Argélia, que indicavam a

identidade de cada grupo tribal e informavam assim o território circundante que possuíam? Não abençoa, o chefe da tribo, até hoje, a criação de uma nova moradia, dizendo: Ó tecido, içado para se tornar um lar, que estejas protegido pelas sombras da misericórdia do profeta Muhammad, que Deus o bendiga e salve...? E não era a casa dos judeus, que caminharam por quarenta dias no perigoso deserto atrás do seu profeta Moisés, a arca da aliança, que continha dez tapetes de linho? E não se estendem os tapetes de oração de todos os fiéis muçulmanos em direção à *qibla*, afim de arquitetar a elevação das orações na direção mais nobre? E não designavam os árabes o seu chefe ao atarem um fio em sua direção? E na política social e na administração da cidade não é o “fio da autoridade” que designa a liderança para aqueles que compreendem o tecido social, o segredo dos seus pontos e nós? Apenas dois tipos de pessoas podem destruir esse trabalho cuidadoso: aquele que vem de fora dos muros da cidade, o jovem forasteiro, portador de novos pergaminhos de mapas, conduzido pelo desejo de infiltrar, hibridizar e formar novas conexões e urdiduras; e o líder ignorante que tira a força de sua autoridade imediata da fraqueza dos fios e da fadiga do tecido. Esse é o inimigo da própria cidade e da sua gente, e o motivo da sua destruição e morte.

Ignorante também é aquele que não concebe a magia do fio e as maldições do tecido. Aquele que, no seu conhecimento imperfeito, e na ilusão da sua arrogância, não vê que o trabalho do tecelão tem seus riscos e reversos malvados. Abra seu ouvido, Chamsa, e ouça o que tenho a dizer.

Quando o fio começa a rosnar e a emaranhar-se, acontecem a rede, a armadilha, a decepção e a traição; a tentação e a sedução forjada após falsas insinuações conduzem ao assassinato e ao vazio.

No nó da linha, onde começa cada costura, duas extremidades se unem para se tornarem uma única linha. Uma ponta está na mão do bem; a outra, na do mal. Uma extremidade se estende ao cordão umbilical; a outra, à força do carrasco. E assim como amarramos a tira de um pano que colocamos sobre o membro doente, na esperança de que todo o corpo volte ao seu puro e saudável estado, ao momento em que o cordão umbilical foi amarrado no nascimento, para que a doença desapareça, também damos nós na escrita do mal e da magia negra, no fio do destino, para causar doença, miséria, loucura e morte. Não foi o profeta Ezequiel quem disse: Assim falou Jeová: Ai daquelas que tecem as roupas, apesar das diferenças de tamanho e pessoa, para fazer as almas caírem em suas armadilhas...? E, desde os tempos dos assírios, não inscrevemos nossa inveja e nossa agonia num fio do vestido da amada e depois o amarramos com as nossas súplicas pecaminosas para que nenhum outro amante a tenha, e para que seque, murche, nas noites de repúdio, sozinha, e morra na solidão terrível na qual nos abandonou?

Não foi Aracne, desafiando Atena com a fiação, transformada em aranha, a criatura mais feia do Senhor, amaldiçoada e condenada a fiar sem fim, pois era proibida de vestir aquilo que fiava?

E como poderia a maldosa Medeia ter matado Creonte, seu rival, não fosse o vestido envenenado que entregou para Gláucia, encharcado nos líquidos e ácidos da sua inveja, insaciável pela simples morte, já que toda a humanidade encontra a morte? Foi a agonia de uma morte lenta o objetivo do vestido envenenado... que depois culminou com o cadáver sendo esquartejado e os pedaços espalhados no chão para que o tecido fosse desfeito, e os fragmentos fossem cozidos e comidos com o intuito de obter a força das suas fibras originais. Não é conhecimento, Chamsa, o que não for capaz de se manter firme no auge. Não é conhecimento o que não for capaz de ver os dois lados opostos, o branco e o preto, simultaneamente. Quem disser que matar não oferece um prazer feroz estará nos enganando e cavando uma armadilha diabólica na qual certamente cairemos, presa fácil da falsa imagem dos anjos. Aquele que não nos ensina o prazer de matar nos mata na sua compaixão por nós e no seu desprezo por toda a nossa existência.

Será que permanecer no auge e ver os dois lados juntos é um exercício impossível? Assim, a compaixão, ou até mesmo o desprezo, seria um cercado dentro do qual protegemos aqueles que amamos.

E ficar no auge do tecido é ficar dentro da seda. Dentro do buraco da agulha. Assim, meu avô disse ao meu pai: Não se case com aquela mulher e não volte para aquela cidade...

O fio do surgimento do dia iluminou o rosto de Chamsa, que dormia sobre meu braço, quando minha mãe acordou e, de seu quarto, me chamou.